

# humanitas

**Vol. LXV  
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

«alegorias de virtudes e vícios» (p.97), e acrescida das conclusões do próprio autor, de que o «livro do Levítico construiu um conjunto de seis unidades de observância da Lei, todas relacionadas entre si: animais puros e impuros; impureza e purificação das parturientes; enfermidades da pele; rituais de purificação das casas; contaminação por secreções corporais» (p.98).

A partir dessas seis unidades de observância, o autor concluirá, ainda, que o livro do *Levítico* dividiu os animais em [i] «puros e impuros, comestíveis ou não, segundo três categorias: terrestres, aquáticos e aves, e insectos alados», e [ii] em abomináveis; estando todos eles circunscritos ao espaço em que se movem, o que evocaria a ordem do mundo traçada no *Gênesis*, donde a conclusão de que «o mundo concebido segundo o modelo ordenado da Criação tornou-se, para o judaísmo, fundamental na interpretação da antropologia social, na medida em que, a ordem cultural e o sistema social reflectem a ordem cósmica» (p.98), sendo este o melhor contexto para compreendermos as proibições alimentares do *Levítico*.

Vale notar ainda que o volume contém não só um índice temático, um índice de autores e textos citados, bem como um índice muito útil de termos alimentares que complementam as funções referenciais sugeridas pelas coordenadoras da obra em seu prefácio.

MARIA DAS GRAÇAS DE MORAES AUGUSTO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Squarotti, Giovanni Barberi (a cura di), *Le Odi di Quinto Horazio Flacco tradotte di Cesare Pavese*. Firenze, Leo S. Olschki, 2013, XX+197 págs.

É sabido que Cesare Pavese não era um classicista nem ficou conhecido por ser versado nas letras clássicas. Para os menos atentos, de resto, esta tradução horaciana pode, até, constituir uma surpresa.

Cesare Pavese (1908-1950) foi poeta, romancista, pensador. E foi, sim, tradutor, mas especialmente de textos ingleses que sempre lhe suscitaram particular atenção. Moby Dick, de Herman Melville, fica para a história como um dos que mais fascínio sobre ele exerceram. Mas traduziu, também, William Faulkner, *Il borgo* (Milão, 1942), John Steinbeck, *Uomini e topi* (Milão, 1938), Daniel Defoe, *Moll Flanders* (Turim, 1938), John dos Passos, *Un muccio di quattrini* (Milão, 1937) e *Il 42° parallelo* (Milão, 1935); e também James Joyce, *Dedalus* (Turim, 1934) e Charles Dickens, *David Copperfield* (Turim, 1939), entre vários outros.

Como estudioso, dedicou-se, também, à literatura norte-americana, a par de uma intensa atividade de pensador e de militante cívico.

Esta tradução de Horácio pode ser considerada, a justo título, essencialmente um marco na formação, à uma, do seu pensamento humanista e da sua mestria poética, mais do que um contributo relevante e significativo no âmbito da receção do poeta latino em Itália. É, de facto, uma obra de juventude. Pavese teria 18 anos quando procedeu a este exercício poético, ou seja, acabara o liceu e dava os primeiros passos naquele que viria a ser o rumo da sua vida.

Não foi por acaso, decerto, que o próprio Cesare Pavese não publicou esta sua tradução, a qual só agora, 63 anos depois da sua morte, viu a luz do dia, mais como contributo para o conhecimento da obra do tradutor.

A edição latina utilizada por Cesare Pavese terá sido a da Teubner, da responsabilidade de Friederich Vollmer, de 1912.

Tudo isto é cabalmente exposto por Squarotti, na sua introdução e no breve comentário filológico ao texto. De resto, a introdução, apesar de não muito longa (uma vintena de páginas), aborda com pertinência a importância deste trabalho de juventude na formação poética e clássica de Pavese e o significado que possui no conjunto da sua obra.

Não se deduza, no entanto, destas palavras que se trata de uma obra menor ou de um trabalho de tradução despidendo no conjunto das traduções da poesia horaciana. Não. É uma tradução de qualidade poética indiscutível, fiel à sensibilidade horaciana, respeitadora do intrincado sentido da poesia do autor das *Odes* e que logra resolver, com inegável arte, alguns dos problemas que o fazer poético de Horácio suscita.

Acresce que, do ponto de vista do rigor textual e do rigor filológico, a tradução respeita escrupulosamente as opções do editor do texto crítico, Vollmer, e, quando o não faz, há uma razão objetiva para isso.

O que não significa, em boa verdade, que as opções sejam todas aceitáveis. Traduzir, por exemplo, o imorredouro *carpe diem* por “goditi l’istante” será, talvez, um empobrecimento, face às múltiplas sugestões que a máxima horaciana pode conter.

Mas esta é, apenas, uma questão de pormenor. Esta edição merece ser assinalada, pois, por mais do que um motivo: porque reflete, na primeira metade do século XX, um apego a um dos nomes maiores da literatura latina, mormente por parte de uma geração ainda nos alvares da idade madura, porque possui uma qualidade surpreendente, enquanto tradução, em particular tendo em conta a idade de quem a faz, e porque constitui um

documento de enorme importância para o estudo de um dos nomes grandes da literatura italiana na primeira metade do mesmo século XX.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

Trevizam, M., (org.), *Virgílio, Geórgicas I*. Trad. de António Feliciano de Castilho e M. Trevizam, Belo Horizonte, UFMG, 2013. 93 p. ISBN 978-85-7041-955-2

Este simpático livrinho, organizado por Matheus Trevizam (FALE/UFMG), conta com um prefácio de Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL/Unicamp) que insere o poema no contexto da poética de cariz alexandrino e se congratula pela escolha desta obra pouco revisitada pelos estudiosos.

Segue-se uma introdução da autoria de Matheus Trevizam. Trata-se de uma introdução que tem em vista um público geral, como se deduz do facto de se assumir explicitamente como orientadora «dos leitores pouco familiarizados com a arte de Virgílio ou a maneira clássica da expressão» (p. 29). Por isso, o autor começa com uma breve biografia do poeta, tendo sempre no horizonte a obra em estudo, e percorre, de seguida, a carreira poética de Virgílio, desde o humilde género pastoril das *Bucólicas* até ao épico da *Eneida*, passando pela especificidade do poema didáctico das *Geórgicas* e suas conexões com os outros dois géneros. Compara as três obras de Virgílio no que toca a influências, ao assunto, ao animal-tipo, ao cenário geográfico e ao ambiente cantado. Circunscrevendo o âmbito da análise, trata de seguida o fundo cultural e histórico das *Geórgicas*, baseado no orgulho e na exaltação da terra, cujo labor moldara nos homens as virtudes e coragem militar; em suma, valores ancestrais que iam ao encontro da ideologia augustana, apesar de alguns elementos polémicos em relação às guerras fraticidas que levaram o *princeps* ao poder e que contribuem para desmontar leituras simplistas e unívocas da obra.

A introdução envereda, depois, pela história do género e influências sobre Virgílio, no que toca ao objectivo didáctico de carácter filosófico-científico, desde Hesíodo, passando por Nicandro, Arato, Énio, no que respeita à incorporação de conhecimentos agrícolas, operada por Hesíodo, Arato, Teofrasto, Lucrécio e Varrão. Repesca-se pois a influência de Hesíodo, respeitante às idades e aos tempos de semear; de Arato, no que toca aos fenómenos relevantes para o tema; de Teofrasto, para as formas